

ALIENAÇÃO OU IMAGINAÇÃO? UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM A OBRA *POLIANA*, DE ELEANOR H. PORTER

ALIENATION OR IMAGINATION? A READING EXPERIENCE WITH THE WORK *POLIANA*, BY ELEANOR H. PORTER

Francisca Luana Rolim Abrantes
Faculdade GILGAL

Risonelha de Sousa Lins
IFPB/ Campus-Sousa

Maria Leuziedna Dantas
IFPB/ Campus-Sousa

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar uma experiência de leitura com a obra *Poliana*, de Eleanor H. Porter a partir dos métodos: Recepcional (Aguiar; Bordini, 1988) e Performático (Iser, 2002, Kefalás, 2014, Zumthor, 2005), tendo em vista as contribuições para a formação do leitor no âmbito da literatura infantojuvenil. Apesar de estarmos inseridos num mundo de leituras cada vez mais multifacetadas, ainda há um déficit na capacidade crítico-interpretativa dos conteúdos lidos. Cabe, portanto, a escola, enquanto espaço de aprendizagem, promover atividades que conduzam o aluno ao desenvolvimento dessa competência, orientando-o na ampliação da sua capacidade de refletir sobre o mundo que o cerca, uma vez que “a literatura corresponde a uma necessidade universal [...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”(Candido, 1988, p.11). Essa experiência foi realizada com uma turma de 7º ano, do ensino fundamental II seguindo algumas etapas do método recepcional. Além disso, utilizamos a experiência corporal como expressão de vivenciado texto (Método Performático). Os questionamentos que motivaram esse estudo foram: Até que ponto a idealização do jogo do conteúdo traz a alienação do sujeito no mundo adverso? Como essa narrativa (re)configura as relações familiares? De que modo solidão e imaginação estão presentes na representação das experiências desabonadoras da vida da personagem? Para o suporte teórico, tomamos como base além dos autores citados, Cademartori (2009), Petit (2009), Zilberman (1998, 2008), Lajolo (1993), entre outros. Tomando por base o texto literário, aponta-se como resultado um melhor desenvolvimento das capacidades de interação comunicativa, bem como a formação do indivíduo para os diversos modos de apropriação dos textos como espaço de expressão da subjetividade do aluno na construção do sentido.

Palavras- chave: Literatura infantojuvenil; Método Recepcional; Método Performático. Formação leitora.

Abstract: This work aims to present a reading experience with the work *Poliana*, by Eleanor H. Porter using the methods: Receptional (Aguiar; Bordini, 1988) and Performative (Iser, 2002, Kefalás, 2014, Zumthor, 2005), having in view of the contributions to the formation of the reader in the scope of children's literature. Despite being inserted in a

world of increasingly multifaceted readings, there is still a deficit in the critical-interpretive capacity of the content read. It is therefore up to the school, as a learning space, to promote activities that lead the student to the development of this competence, guiding them in expanding their ability to reflect on the world around them, since “literature corresponds to a need universal [...] because it gives shape to feelings and vision of the world, it organizes us, frees us from chaos and, therefore, humanizes us” (Candido, 1988, p.11). This experience was carried out with a 7th grade class, from elementary school II, following some steps of the reception method. Furthermore, we use bodily experience as an expression of the experience of the text (Performative Method). The questions that motivated this study were: To what extent does the idealization of the content game lead to alienation of the subject in the adverse world? How does this narrative (re)configure family relationships? How are loneliness and imagination present in the representation of the character's discrediting experiences in life? For theoretical support, we took as a basis in addition to the aforementioned authors, Cademartori (2009), Petit (2009), Zilberman (1998, 2008), Lajolo (1993), among others. Taking the literary text as a basis, the result is a better development of communicative interaction capabilities, as well as the training of the individual for the different ways of appropriating texts as a space for expressing the student's subjectivity in the construction of meaning.

Keywords: Children's literature; Reception Method; Performance Method. Reading training.

1. Introdução

A literatura infantojuvenil em sua essência está ligada à escola, uma vez que em sua origem ela tinha a função de estabelecer comportamentos e princípios éticos e morais na mentalidade da criança. Entretanto, essa forma de abordagem evoluiu ao longo dos anos e hoje tem o intuito de desenvolver a formação crítica do sujeito-leitor. Para que isso aconteça, faz-se necessário que o professor use metodologias de ensino que propiciem maior interação comunicativa com o universo retratado na obra. Nesse sentido, a escola é um espaço aberto para as práticas de leitura e expressão do pensamento desde que o docente tenha uma formação adequada para trabalhar as diversas obras literárias de modo criativo e inovador, respeitando as vivências coletivas e pessoais dos alunos.

Zilberman (1998, p.23) esclarece que a literatura voltada para as crianças pode assumir o caráter de obra literária “quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores”. Por esta razão, esse gênero também pode oferecer recursos que permitam aos leitores investigar os sentidos da linguagem, imaginar posições de fala, desenvolver o imaginário e comparar fatos do texto com a realidade objetiva. Portanto, a leitura do texto infantojuvenil representa uma oportunidade de acesso ao mundo da linguagem.

Embora o governo federal tenha ofertado um acervo baste rico de obras

Revista Multidisciplinar da Faculdade Gilgal – v.1, n.2, p.16-26, 2023

literárias através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), percebe-se que, na maiorias das vezes, esses recursos não são utilizados convenientemente pelos professores, que se apresentam despreparados para o trabalho de formação leitora.

Segundo Kefalás (2014) ao se envolver com a leitura, o leitor cria sentidos para o que está escrito no texto e dá vida as cenas que brotam das palavras. Para que isso aconteça, é importante que o educando compreenda o texto e o vivencie por meio da sua compreensão de mundo.

Com base nas considerações de leitura feitas até aqui, empreendemos uma experiência de leitura com a obra *Poliana*, de Eleanor H. Porter, cuja personagem principal desenvolve uma estratégia de superação dos conflitos a partir do jogo do contente. Essa artimanha da personagem nos levou a questionar sobre os processos de alienação ou imaginação na construção da semântica da narrativa. Desse modo, questionamo-nos: Até que ponto a idealização do jogo do contente traz a alienação do sujeito no mundo adverso? Como essa narrativa (re)configura as relações familiares? De que modo solidão e imaginação estão presentes na representação das experiências desabonadoras da vida da personagem?

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de leitura com a obra *Poliana*, de Eleanor H. Porter a partir dos métodos: Recepcional (Aguiar; Bordini, 1988) e Performático (Iser, 2002, Kefalás, 2014, Zumthor, 2000), tendo em vista as contribuições para a formação do leitor no âmbito da literatura infantojuvenil.

2. Metodologia

A referida experiência de leitura deu-se a partir das etapas principais etapas do Método Recepcional, a saber: Determinação do horizonte de expectativa do leitor; atendimento do horizonte de expectativa do leitor; questionamento do horizonte de expectativa do leitor; E, por fim, a ampliação do horizonte de expectativa do leitor.

Esse método, desenvolvido pelas pesquisadoras Bordini e Aguiar (1989) a partir da Estética da Recepção (1967), prioriza a participação ativa do leitor no processo de compreensão do texto, que depende do “grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e

culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui” (Bordini, Aguiar, 1988, p.84). Nessa perspectiva, as formas de abordagens sugeridas por esse método rompem com os modos tradicionais de ensino (aulas expositivas, na maioria das vezes, pautado apenas no livro didático) e propõem o estudo da literatura como um sistema aberto às significações relativas às vivências do sujeito leitor em contato com os diferentes textos.

Também foi utilizado o Método Performático, abordado por Eliane Kefalás, o qual “convoca o leitor ao movimento à criação de sentidos possíveis diante do que está dado pelo texto; se o leitor entra no jogo, ele participa do movimento da própria língua que a escritura literária parece muitas vezes querer gerar ao performatizar a vida” (Kefalás, 2014, p. 117-118).

Conforme Kefalás, performatizar a obra corresponde a criar possibilidades para que o aluno compreenda as tramas do texto e seja capaz de vivenciá-lo em toda a sua plenitude, ou seja, interagir com os conhecimentos adquiridos pela leitura e expressar novos sentidos através de outras manifestações artísticas. Para tanto, faz-se necessário o uso do corpo, no qual “a potência sonora, tátil, rítmica, plástica dos signos, das palavras, podem ser reverberada” (Kefalás, 2014, p.123).

3. Resultados

Tomando por base o texto literário, aponta-se como resultado um melhor desenvolvimento das capacidades de interação comunicativa, bem como a formação do indivíduo para os diversos modos de apropriação dos textos como espaço de expressão da subjetividade na construção do sentido.

Além disso, aponta-se como resultado as articulações da linguagem enquanto expressão cultural e simbólica, que pode ser utilizada como alienação ou devaneio do sujeito em situações sociais.

4. *Poliana* em sala de aula

Antes de descrevermos essa experiência de leitura, é interessante ressaltar que escolhemos a obra *Poliana*, de Eleanor H. Porter, não apenas devido a sua

relação como cotidiano dos discentes que assistiam à telenovela “As aventuras de Poliana”, do SBT, mas também por representar um clássico da literatura infantojuvenil. Publicado em 1913, esse livro fez tanto sucesso que a autora publicou, dois anos depois, a sua continuação com *Poliana Moça*. O tema original foi publicado com mais de onze edições, sendo a mais recente em 2018.

O livro aborda a história de Poliana, uma órfã de pai e mãe que utilizava estratégias psicológicas para superar os obstáculos sociais e afetivos que lhes são apresentados ao longo do enredo. Esse artifício, nomeado pela personagem de “Jogo do Contente”, corresponde a um modo diferenciado de ver a realidade e conduz ao questionamento dessa ação como alienante ou utopia necessária à reconstrução dos fatos dentro da realidade objetiva.

Com a morte dos pais, ela foi enviada para morar com a sua tia Paulina, uma mulher rica e intransigente, desprovida de ações afetivas. A fim de superar a realidade adversa e solitária, a garota pratica e ensina um modo otimista de ver a vida.

Penetrando no universo discursivo da obra, os educandos tentaram se imaginar no lugar da personagem, no intuito de analisar fatos e ações e, ao mesmo tempo, interagir com o conteúdo narrado pela criatividade. Logo, os alunos mergulharam no jogo do texto, cuja importância, Iser (2002) enfatiza estabelecer-se nos múltiplos sentidos estabelecidos pela relação entre o autor, o texto e o leitor, indo além da mera decodificação da palavra, conforme se vê a seguir:

Os autores jogam como os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente [...]. Assim, o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. [...] Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem - e, daí, modificam - o mundo referencial contido no texto (Iser, 2002, p. 107).

Nesta concepção, o jogo tem como objetivo recobrir os eventos no processo textual a partir do momento em que o leitor participa diretamente da construção dos sentidos através da interação verbal. Logo, a imaginação do leitor, estimulada pelos conhecimentos de mundo, motiva a transgressão do referencial posto no texto literário. Assim, o texto é um jogo no qual o sentido não é determinado pelo

autor, mas está na multiplicidade de associações feitas pelo leitor a partir de sua recepção diante do texto e do autor. Nesta mesma linha de raciocínio, Lajolo (1993, p.59) assevera que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Destaca-se neste posicionamento o processo de produção de sentidos, valendo-se da concepção de leitura não como um jogo apenas de adivinhação, mas como ato de envolvimento do leitor com o texto e autor, tendo como base nos estímulos dos conhecimentos de mundo. Portanto, ler não é só decifrar os sinais gráficos de um texto porque envolve uma relação ativa do sujeito, apoiado na sua experiência de vida para ampliar o repertório cultural desse leitor.

Para tanto, entendemos que o professor necessita romper com “uma tradição escolar pobre e improvisada” (LAJOLO, 1993, p.21), pautada no ensino de literatura limitado às características do movimento literário. Faz-se pertinente realizar em sala de aula, atividades que provocam o movimento de sentidos possíveis diante do que está dado pelo texto, oportunizando ao leitor a participação ativa no jogo da leitura.

Partindo disso, a experiência foi iniciada a partir do desenvolvimento de quatro etapas do Método Recepcional. Na primeira etapa: a *determinação do horizonte de expectativa do leitor*, pudemos identificar o tipo de narrativa preferida dos alunos. Depois disso, procedemos a apresentação da obra literária homônima e da autora. O livro corresponde a uma edição especial da Editora Nova Fronteira e contém imagens coloridas que reforçam o conteúdo da obra.

Narrada em terceira pessoa, a obra aborda a história de uma garota, filha de um reverendo, que ao perder os pais é entregue aos cuidados de uma tia rígida e amargurada, com a qual tem que conviver superando a solidão e as carências afetivas.

Após esse momento, partimos para a segunda etapa do método: *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*, na qual se procedeu à leitura da

obra, realizada em grupo no decorrer de seis aulas. Intentando pesquisar os conflitos da personagem que dão sequência ao enredo, os alunos puderam pensar a narrativa a partir das seguintes perspectivas: alienação ou imaginação.

Dando sequência às atividades, propiciamos o *questionamento do horizonte de expectativa*, em que os alunos debateram sobre o comportamento de Poliana, analisando como o jogo do contente auxilia a personagem a superar os seus conflitos; como ver o lado positivo dos fatos sem incorrer na alienação; em que se difere a imaginação e alienação no processo de vivência do sujeito e como as relações familiares estão representadas na obra. A partir desses questionamentos, os discentes perceberam que a personagem não era alienada, uma vez que não apagava o problema nem deixava de resolvê-lo. Como comprovação da capacidade imaginativa, um dos educandos citou o diálogo entre Poliana e Nancy, ajudante da casa. Nesse diálogo, a garota expõe o motivo pelo qual utilizava o jogo do contente e como havia aplicado, quando foi hospedada no quartinho do sótão, na casa da tia. Vejamos o fragmento que retrata essa cena:

Difícil foi quando papai morreu e eu fiquei sozinha com as senhoras da Auxiliadora... –E quando viu aquele quartinho feio, sem tapetes, sem quadros, sem graça? Como foi?-Perguntou Nancy. – Foi duro. Eu me senti tão só! Naquela hora não tive vontade de “jogar”. Só me lembrava do que eu tanto havia desejado. Depois, lembrei-me do espelho e das minhas sardas e fiquei alegre. E o “quadro” da janela me deixou mais contente ainda. Com um pouco de esforço conseguimos gostar do que encontramos e esquecer o que queríamos achar... (Porter, 2018, p.33).

No diálogo acima, observa-se que a personagem é capaz de refletir e julgar os acontecimentos, optando pela imaginação como um recurso para minimizar os efeitos daquela realidade contraditória. Também foi argumentado por outro educando o trecho em que a personagem menciona o fato de o jogo do contente ter sido ensinado pelo pai com o intuito de não ficar triste diante dos acontecimentos imutáveis. Leiamos:

-Tudo começou por causa de umas muletas que vieram na caixa de donativos para o missionário. -Muletas? -admirou-se Nancy. - Isso mesmo. Eu tinha pedido uma boneca a papai e, quando a caixa chegou, só havia dentro um par de muletas para crianças. Foi assim

que começou. – E onde é que está o jogo? - Bem, o jogo se resume em encontrar alegria, seja lá no que for- concluiu Poliana, séria. – Começamos com as muletinhas (Porter, 2018, p.32-33).

Observou-se que Poliana menciona seu desagrado pela supressão da boneca, mas argumenta que é possível ver algo positivo em situações desabonadoras. Assim, cada leitor foi levado a refletir sobre o texto, preenchendo as lacunas com suas experiências de mundo, ao mesmo tempo em que buscava diferenciar as ações. Como afirma Cademartori(2009, p.50):

A obra literária deixa vazios por onde podemos ingressar com nossa imaginação, nossa experiência, nossa capacidade para completar e refazer o narrado. A operação de leitura, por sua vez, é também inacabada, como sabe qualquer um que, tendo lido um livro em certa época, volta a lê-lo em outra.

Nessa perspectiva, a leitura do texto literário contribui para o desenvolvimento da criatividade, da percepção de mundo e das possibilidades do uso da linguagem, motivando-o a dialogar com os sentidos do texto. Além disso, os modos de construção da personagem favoreceram tanto a empatia dos alunos pela situação da personagem, como também auxiliaram na visão da existência não apenas pelo lado negativo, mas também através da positividade, dos sonhos. Petit (2009, p.19) ressalta que a Literatura ajuda o discente “[...] a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidades no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro”.

Concluída esta etapa, passamos para a *ampliação do horizonte de expectativa*, quando os alunos foram convocados a assistir ao filme *A vida é bela*, que aborda a história de um judeu, de nome Guido, mantido num campo de concentração nazista com seu filho Giosué. Para evitar que a criança seja afetada pelo trauma do horror daquele espaço, onde os judeus eram massacrados pela violência e pela fome, ele a envolve num jogo, com a finalidade de protegê-la.

Nesse filme, o pai da criança tem que usar a imaginação de tal forma que seu filho não perceba o real da forma como se lhe apresenta no campo de concentração, mas que o ressignifique. O filme foi bastante discutido pelos

Revista Multidisciplinar da Faculdade Gilgal – v.1, n.2, p.16-26, 2023

educandos que identificaram a utopia como uma forma de sobrevivência do personagem ao Nazismo.

No intuito de ampliar ainda mais a aprendizagem do discente, propusemos a encenação de alguns capítulos da obra a partir do Método Performático. A escolha do capítulo foi feita pelos próprios alunos baseando-se em critério de seleção dos fatos mais relevantes da obra, tais como: capítulo 3- A chegada de Poliana, momento em que ela aguarda a recepção da tia, mas é recebida por Nancy, a empregada da casa e o capítulo 23- O acidente, quando a personagem é atropelada por um carro quando atravessava a rua. Esse ocorrido leva os outros personagens a exercitar o jogo de otimismo criado pela protagonista. A encenação teatral desses capítulos foi feita por dois grupos, nos quais estava dividida a turma.

De acordo com Zumthor (2005, p.141), ao ser vivenciada, a obra literária penetra nos sentidos do leitor que passa a compreendê-lo e a interagir com e sobre ela. Isto porque “a performance é um momento privilegiado de ‘recepção’; aquele em que um enunciado é realmente recebido”.

Nesta etapa, verificamos que os alunos vivenciaram sensações diferentes através da performance, descobrindo as nuances corporais, expressivas e vocais, tanto individualmente como em grupo. Assim, ao analisarmos o comportamento dos personagens nesse romance, reafirmamos o papel da literatura enquanto “[...] equipamento intelectual e afetivo” que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 2011, p.177).

5. Considerações finais

A experiência de leitura realizada com a obra *Poliana* contribuiu para expressão crítica e subjetiva do aluno na busca dos sentidos, valores e relações simbólicas na narrativa, bem como favoreceu o contato com o texto literário, contribuindo, assim, com atitudes mais favoráveis à leitura.

Ao analisarmos a obra com base nos eixos: alienação e imaginação, pudemos motivar os educandos ao entendimento diferenciado dos estímulos da vivência interior e das ações correspondentes aos vínculos exteriores com o mundo.

A experiência, aqui referida, mostrou que é possível desenvolver estratégias de leitura na escola, de modo a aproximar o sujeito-leitor do texto literário, bem como demonstrou que a Literatura Infantojuvenil, por sua linguagem mais acessível e por apresentar problemáticas mais próximas das vivências inerentes à infância e à adolescência, constitui-se numa ferramenta adequada para se iniciar a leitura enquanto fruição nas tessituras das palavras.

De fato, a formação leitora constitui-se na principal função do ensino de literatura, pois é através dessa atividade que o aluno poderá melhorar suas habilidades comunicativas e desenvolver competências para compreender as relações sociais e as pessoas. Porém, conforme Zilberman (2008, p. 22-23), a “[...] execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário”.

A abordagem feita com os alunos mostrou que a alienação diferencia-se da capacidade de imaginar, pois a primeira corresponde à incapacidade de julgar os fatos e se posicionar a respeito deles, enquanto o segundo refere-se à faculdade de criar ou visualizar fatos ou ideias a partir de elementos pré-estabelecidos.

No que compete às relações familiares, observa-se que a narrativa é polvilhada de grupos familiares tradicionalmente organizados, entretanto os sujeitos apresentam-se deslocados, sofrendo com a solidão e o medo.

Enfim, a proposta pedagógica, realizada com a narrativa *Poliana* revelou que é possível despertar o gosto e o prazer pela leitura do texto literário e que as experiências de formação leitora são possíveis no contexto escolar, desde que o docente exerça a sua função de mediador, criando oportunidades que convidem o discente ao hábito da leitura.

Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação (s.d.). **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Online. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/apresentacao>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

CADEMARTORI, Ligia. **O Professor e a Literatura:** para pequenos, médios e grandes - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34ª, 2009.

PORTER, Eleanor H; **Poliana.** Tradução Paulo Silveira. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor.** Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 6ª ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia:** ponto e contraponto. 2ªed. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Leitura, recepção, performance.** São Paulo: Educ., 2000.

KEFALÀS, Eliana. Letras Vivas: leitura literária e performance na formação do leitor. In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima; PEPE, Cristiane Marcela (Org.). **Leitura literária e mediação.** Campinas, SP: Edições leitura crítica; ALB, 2014.

A VIDA É BELA. Produção de Roberto Benigni; Roteiro de Vincenzo Cerami. Itália: Imagem Filmes, 05 de fevereiro de 1997, DVD (116 min.), Dolby Digital 2.0 (português).